

GUERRA NO LESTE EUROPEU

KIEV ACUSA MOSCOU DE CONTINUAR BOMBARDEANDO MARIUPOL E VOLNOVAKHA, DE ONDE DEVERIAM TER SIDO RETIRADOS CIVIS. A RÚSSIA AFIRMA QUE "NACIONALISTAS" MANTÊM OS HABITANTES COMO "ESCUDOS HUMANOS"

Cessar-fogo frustrado

Em energia elétrica, alimentos, água, gás e transporte, os moradores de Mariupol, cidade portuária com cerca de 450 mil habitantes cercada pelas forças russas, não puderam deixar suas casas. Em Volnovakha, a 65km de distância, somente 400 pessoas, das 15 mil esperadas, conseguiram ser retiradas com segurança, de acordo com Pavlo Kirilenko, chefe da Administração Regional de Donetsk.

A Ucrânia acusa Moscou de violar o cessar-fogo temporário, que permitiria aos civis escaparem de Volnovakha e Mariupol — esta última, uma das principais zonas de combate da guerra. Em um comunicado pela televisão, o conselheiro presidencial ucraniano Oleksiy Areshtovych acusou a Rússia de não observar o acordo anunciado na sexta-feira. Por sua vez, o ministro russo da Defesa, Igor Konashenkov, afirmou que foram abertos corredores humanitários, mas que o Exército "retomou a ofensiva" por "falta de vontade" da Ucrânia. "Devido à falta de vontade do lado ucraniano de influenciar os nacionalistas ou prolongar o cessar-fogo, as operações ofensivas foram retomadas às 18h de Moscou (12h de Brasília)", afirmou, em uma mensagem de vídeo. "Os habitantes destas cidades são mantidos por grupos nacionalistas como escudos humanos", acrescentou Konashenkov.

Porém Vadym Boichenko, prefeito de Mariupol, de onde 200 mil pessoas deveriam ter sido evacuadas, acusou a Rússia de não cumprir o cessar-fogo, e pediu que os cidadãos voltassem para suas casas ou para os abrigos onde estão instalados. Pelo aplicativo de mensagens Telegram, ele informou que a operação "foi adiada por razões de segurança, porque as forças russas continuam bombardeando Mariupol e seus arredores".

Em 10 dias de invasão russa, mais de 1,37 milhão de refugiados ucranianos fugiram do país, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), número que deveria subir para 1,5 milhão na noite de ontem. O Conselho de Segurança terá uma reunião de emergência amanhã sobre a crise humanitária na Ucrânia.



Moradores de Irpin atravessam uma ponte destruída para fugir da guerra: mais de 1,3 milhão já deixaram o país

Estratégia

O controle de Mariupol tem caráter estratégico para a Rússia, porque permitiria uma continuidade territorial entre suas forças procedentes da península de Crimeia e as unidades dos territórios separatistas pró-Moscou da região ucraniana de Donbass, ao leste. Apesar da insistência do presidente russo Vladimir Putin de que o Exército não ataca áreas residenciais, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICR) descreveu a situação no local como "desoladora".

Um funcionário da organização não-governamental Médicos Sem Fronteiras (MSF), que está refugiado na cidade com sua família, afirmou à agência de notícias France Presse que eles coletaram neve e chuva para utilizar, diante da impossibilidade de conseguir água, devido às longas filas nos locais de distribuição. "Queríamos conseguir também

400 PESSOAS

conseguiram sair de Volnovakha. Esperava-se retirar 15 mil

o pão 'social' (distribuído pelas autoridades locais), mas o horário e os pontos de distribuição não estavam claros. Segundo a população, muitos armazéns foram destruídos pelos mísseis e o que sobrou foi levado pelas pessoas mais necessitadas", disse.

Em Volnovakha, o ataque é tão intenso que há cadáveres não recolhidos nas ruas, disse o deputado local Dmytro Lubinets,

citado pelo site do jornal britânico *The Guardian*. Os cidadãos que se escondem em abrigos estão ficando sem comida, e cerca de 90% da cidade foi danificada por bombardeios, afirmou o parlamentar.

"Covardia"

Ontem, as tropas russas continuavam a se aproximar da capital Kiev, onde encontram uma intensa resistência, e bombardearam bairros dos subúrbios ao oeste da cidade ucraniana. Chernihiv, ao norte, também é alvo de bombardeios constantes, que deixaram muitas vítimas civis nos últimos dias. Em Kharkiv, cenário dos bombardeios mais intensos no início da guerra, as tropas ucranianas executaram um contra-ataque, segundo o governo da Ucrânia.

O ministro ucraniano da Defesa, Oleksiy Reznikov, afirmou ontem que a Rússia mudou de

tática, ao observar a resistência que freou seu aparente plano de conquistar rapidamente as grandes cidades e derrubar o governo do presidente Volodymyr Zelensky. "Sim, o inimigo avançou em algumas direções, mas controla apenas uma pequena área. Nossos defensores estão impedindo e expulsando os ocupantes", afirmou, no Facebook. "Aviação de todo tipo bombardeia cidades e infraestruturas civis", acrescentou, antes de acusar o Exército russo de "covardia" e de ter capacidade apenas de atacar "crianças, mulheres, civis desarmados".

Desde que o presidente Vladimir Putin ordenou a invasão da Ucrânia em 24 de fevereiro, a Rússia bombardeou várias cidades e matou centenas de civis. Também atacou a maior central nuclear da Europa, provocando um incêndio que gerou o temor de uma nova catástrofe nuclear como a de Chernobyl, em 1986.

Blinken promete ajuda a refugiados

O secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, visitou, ontem, a fronteira da Polónia com a Ucrânia e informou que os Estados Unidos preveem adiantar US\$ 2,75 bilhões para fazer frente à crise humanitária, diante da chegada de refugiados ucranianos. Desde 24 de fevereiro, mais de 827 mil pessoas fugiram do país atacado pela Rússia, para se refugiar no território polonês.

Blinken visitou um centro na fronteira da Polónia com a Ucrânia que abriga quase 3 mil refugiados. "O povo polonês sabe o quão importante é defender a liberdade", frisou Blinken, após um encontro com o ministro de Relações Exteriores da Polónia, Zbigniew Rau, em Rzeszow. "A Polónia está realizando um trabalho vital em resposta a esta crise", insistiu o americano.

Rau, por sua vez, afirmou que a Polónia seguirá aberta a todos os que fogem da invasão deflagrada por Moscou. "A agressão russa na Ucrânia provocou uma crise humanitária de proporções inimagináveis", disse o ministro polonês. Ele também se comprometeu a não discriminar os refugiados de distintas nacionalidades, depois que vieram à tona relatos de que pessoas negras, a maioria africanos, tiveram problemas na fronteira com a Polónia. Além disso, acusou as forças russas de cometerem "crimes de guerra" ao bombardear áreas residenciais.

Armas

Blinken também se reuniu com o chanceler ucraniano, Dmytro Kuleba. Eles se encontraram por 45 minutos, sob forte segurança, em um ponto de fronteira com a Polónia por onde passam milhares de refugiados, e discutiram o envio de armas para a Ucrânia e mecanismos para aumentar a pressão sobre Moscou.

"Não é segredo para ninguém que nosso pedido mais importante é sobre caças, aviões de assalto e sistemas de defesa antiaérea", afirmou Kuleba. "Precisamos de sistemas de defesa antiaérea para garantir a segurança de nossos céus. Se perdermos os céus, haverá muito mais sangue no solo", acrescentou.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

Com Henrique Delgado

RISCO GEOPOLÍTICO NA EUROPA

Organizado por Dario Caldera e Matteo Iacoviello e utilizado pelo Fed, o Banco Central dos Estados Unidos, o Índice de Risco Geopolítico ultrapassou a barreira dos 400 pontos com a invasão russa à Ucrânia.

O índice de Caldera e Iacoviello é um indicador de percepção de risco medido a partir da cobertura de 10 jornais, de 1985 para cá. Dada a impossibilidade de uma medição perfeita, esse índice, com todas suas limitações, ajuda a comparar o impacto da percepção de crises internacionais ao longo dos anos. Por exemplo, a barreira de 400 pontos só foi ultrapassada em seis ocasiões nos 37 anos, de 1985 para cá. Isso ajuda a ver que o grau da preocupação geral

é especialmente alto.

As outras cinco ocasiões foram: a guerra do Golfo, em 1991; os ataques terroristas de setembro de 2001 (quando o índice foi a mais de mil pontos); a invasão do Iraque pelos EUA, em 2003; os ataques extremistas perpetrados no metrô de Londres, em julho de 2005; e o assassinato do general iraniano Soleimani, na capital do Iraque, por ordem explícita do então presidente Trump, em janeiro de 2020. Cada um a seu jeito, todos momentos que causaram apreensão acerca da estabilidade do regime de segurança global.

Com a declaração, pela OMS, da covid-19 como uma pandemia global, o mundo foi colocado em

confinamento, e as pessoas se dividiram entre a esperança e a preocupação.

A esperança era de que a pandemia seria a pá de cal no espírito de animosidade e no conflito exagerado, que geram uma desordem global e um mal-estar generalizado. Por outro lado, a preocupação era de que a pandemia não mudaria (para melhor) a ordem mundial e de que seria justamente um solo fértil para ainda mais confusão.

Putin parece tomar decisões que demonstram desinteresse em questões econômicas e comerciais de simples bem-estar, só tem olhos para a alta política e abraçou o militarismo para além de sua obsessão com serviços secretos. Não é realismo, mas um profundo mal-estar com a posição da Rússia, que Putin confunde com a posição dele, no mundo.

Não é de hoje que uma visão de que modos alternativos e diplomáticos de se fazer política internacional são fúteis estão

na cabeça de maus governantes. Fracos e fortes, estão todos achando que só a força resolve. Essa é a maior tragédia da última década. E todas as potências estão pedagogicamente implicadas.

A ideia de que a força militar não serve apenas para a defesa, mas também para se reorganizar a ordem das coisas, foi testada com a anexação da Crimeia, em 2014. Invasão que, agora, estende-se para a Ucrânia. E não estão errados os que temem que a percepção de segurança de Moscou seja de que precisa avançar um pouco mais para oeste. Mas o que a Rússia quer mesmo é um acordo executivo no mais alto nível com os EUA para consolidar noções de honra e coexistência. Algo que ela, recentemente, conseguiu com a China.

No início dos anos 1990, a União Soviética, em seus estertores, via com boa vontade a manutenção da Otan na Europa para ancorar a reunificada Alemanha. Eventualmente, a expansão

da União Europeia e da Otan para o leste passou a deixar para lá a manutenção da boa vontade russa. E a União Europeia passou a pregar sua "autonomia estratégica", enquanto nos EUA aumentava o sentimento por privilegiar uma agenda "América em primeiro lugar" entre republicanos e democratas.

Ainda assim, a Otan continua unida no Atlântico bem ao Norte e com uma importante reação ao despotismo de Putin que parece dar pouca importância para defender a segurança humana e os direitos humanos. Todavia, a reação da Otan é uma reação que mescla elementos de hierarquia e de precariedade. Afinal, os EUA são os comandantes supremos da Aliança Atlântica, a qual se estruturou em torno do compromisso de defesa coletiva. Mas, com a prática do "America First", são os EUA mesmo que fissuram sua hegemonia na Europa.

Essa quebra na visão que os Estados Unidos manifestam

sobre sua função no mundo também é um mal-estar com a realidade e força improvisação de "aliados" na Europa. Aí mora o perigo. Não é nem questão de coerência, trata-se apenas da possibilidade de que dê errado e pragmaticamente não funcione. Assim, a União Europeia se vê forçada a tratar da própria segurança ainda dentro da Otan. Tem que se liderar sem se comandar.

Em um mundo tão preocupado com questões de bom comportamento, segue-se existindo uma obsoleta visão que enfatiza dicotomias entre oriente-ocidente, norte-sul, forte-fraco. E é nessas brechas que o autoritarismo avança. Porque ele organiza o que vai se mantendo desorganizado por falta de compreensão e responsabilidade. O risco geopolítico é a desconfiança de que o equilíbrio está se tornando incalculável e a fala da guerra mais atual do que a da paz.

PAULO DELGADO, sociólogo